FCPF MAGAZINE

NÚMERO 45

ANTEVISÃO

JORNADA 22

PAÇOS X NACIONAL

EDITORIAL

NÚMERO 45
MARÇO 2021

TEXTOS:
Sara Alves

FOTOS:
Telmo Mendes

DESIGN:
Liff

DISTRIBUIÇÃO ONLINE

SEGUE O PAÇOS

Distribuição gratuita

FC Paços de Ferreira
Rua do Estádio, 95
4590-571PaçosdeFerreira

WWW.FCPF.PT

FCPF MAGAZINE

Cumpre-se na próxima segunda-feira (8 de março) um ano desde que o jogo FC Paços de Ferreira – Vitória SC se tornou no último "normal" do futebol português, antes da chegada na penumbra pandémica que, desde então, não mais permitiu que os adeptos enchessem os Estádios. Mesmo com um resultado adverso para o Paços (1-2) recordamos com nostalgia esse grande ambiente no Estádio, onde 4105 espetadores puxaram e vibraram pelas suas equipas. A expressão "eramos tão felizes e não sabíamos", que aplicamos à profunda alteração que sofremos nas nossas relações sociais, profissionais e económicas, encaixa também na saudosa relação entre os adeptos e os seus Clubes. Os sinais rumo à recuperação da nossa liberdade de movimentação são animadores e deixam a legítima esperança de, ainda esta época, nos podermos voltar a encontrar. Foi o que aconteceu, em parte, no jogo da Liga nos Açores, frente ao Santa Clara. Foi agradável poder voltar a sentir a presença de público nas bancadas, embora incompreensivelmente as mesmas tenham estado abertas apenas para os adeptos açorianos. Tinha que estar reservado um espaço para os adeptos visitantes, até porque, sendo o jogo na ilha de S. Miguel, apenas torcedores pacenses testados poderiam ter voado para lá, algo que os adeptos locais nem tiveram que cumprir...

Não foi, obviamente, pela presença exclusiva dos seus adeptos que o Santa Clara infligiu a mais pesada derrota da época aos Castores. Foi um dia mau para o Paços e muito bom para a equipa insular e veio provar-nos que, face ao equilíbrio entre todas as equipas, a qualquer momento os resultados inesperados podem acontecer. A derrota em nada beliscou a extraordinária época pacense e até poderá servir de alerta para o demasiado "à vontade" com que a temporada se desenrolava.

Do adversário desta noite não se esperam menos dificuldades, pois o CD Nacional é uma das equipas que pratica bom futebol na Liga e que coloca sempre problemas contra quem joga. Só um Paços concentrado e guerreiro do princípio ao fim poderá garantir uma vitória para reforçar o 5º lugar que ocupa com justiça.

Para ler nesta «FCPF Magazine» uma entrevista a João Pedro. O jovem açoriano, de 24 anos, tem sido uma das agradáveis surpresas do plantel e vai conquistando a admiração de colegas e adeptos, ao cumprir com total entrega e qualidade os minutos que lhe são dados na equipa.

Na rubrica dedicada às antigas glórias pacenses ficamos a conhecer as histórias de Carlos Alves, que na década de setenta esteve ligado a alguns dos primeiros grandes feitos do Clube.

Paulo Gonçalves
(Secretário Técnico)

JOÃO PEDRO

"SINTO QUE AQUI TENHO UMA FAMÍLIA"

Diz que a bola já nasceu com ele, e, desde então, nunca mais a largou. Seguiu os passos do pai, que foi atleta, da mãe, que praticou a modalidade quando era jovem, e do irmão, que também ficou com o "bichinho" logo desde criança. O caminho que começou a ser traçado nos Açores trouxe-o esta temporada à Mata Real, onde João Pedro diz ter encontrado uma segunda família.

Para começar, aquele que foi um momento que não passou ao lado de ninguém: foi o golo frente ao Vitória SC o mais bonito que já marcaste?
A nível de dificuldade, sim. Por isso, posso considerar que foi o mais bonito. Sempre que jogo tento marcar, porque o ponta de lança vive de golos, e este foi mais um golo para ajudar a equipa.

E ficaste logo com essa ideia na hora ou é daquelas coisas que só quando paras e vês é que te apercebes?
Por acaso, logo na altura. Estava a ver o lance em câmara lenta na minha cabeça. Depois do remate, eu caio e estou a ver a direção da bola e o Bruno Varela a ir. Ainda pensei que ele pudesse chegar. Mas quando vejo a bola a entrar... Aí foi uma alegria!

A verdade é que os três golos que marcaste no campeonato acabaram por ser sempre determinantes: o do empate frente ao Boavista, o da vitória frente ao Tondela e o que iniciou a reviravolta frente ao Vitória...
É verdade. Mesmo que fosse um 2-0 também era ajudar à vitória, poderia ser o xeque-mate no adversário... Nunca se sabe. [Risos] O importante é que estou a ajudar a equipa a ganhar jogos e a cumprir com aquilo que o mister me pede.

Na última jornada, as coisas acabaram por não correr conforme o esperado. Que avaliação é que fazes do jogo com o Santa Clara?
Foi um jogo mau da nossa parte. Foi um jogo em que tentávamos, mas não conseguíamos. Não

DIVERCOL®

estávamos ao nosso nível nem a ser o Paços que costumamos ser. Mas – e tendo em conta o que temos feito nesta época – não é por um jogo que vamos deitar tudo abaixo. Não há equipas perfeitas, as equipas de topo mundial têm níveis de jogo um pouco mais baixos, às vezes, e o que temos de fazer é ver aquilo que fizemos de mau e tentar corrigir, de forma a entrarmos já no próximo jogo com as correções feitas e a jogarmos à Paços.

No entanto, e foi também destacado pelos adeptos, a equipa não desistiu de minimizar o resultado até ao final. Não baixou os braços. Isso já faz parte da identidade do próprio grupo.
Sim. Desde o início da época comprometemo-nos a deixar tudo dentro do campo e a tentarmos ajudar-nos ao máximo, mesmo que as coisas não estivessem a sair bem. E é isso que tentamos fazer nos treinos e nos jogos. Mesmo fora do contexto do futebol tentamos ajudar todos, preocupamo-nos, porque somos uma família. E acho que assim é que tem de ser. Comprometemo-nos com uma coisa e é isso que tentamos fazer sempre. Mesmo que as coisas não corram bem, nunca deitamos a toalha ao chão.

E como é que foi voltar a jogar com adeptos (ainda que adversários) nas bancadas, quase um ano depois?
Para mim foi especial, porque sou açoriano e muita gente que conheço estava no jogo. Quando entrei, ouvi aplausos. Falando de um modo geral, acho que é sempre bom jogar com adeptos – seja contra ou a favor –, porque isso dá intensidade ao jogo, alegria; dá-nos concentração. Gostei disso, apesar de não ter gostado do resultado.

Foi estranho, de alguma forma, depois de tantos meses sem eles? Ou é como o mister disse na conferência de imprensa: "é o normal" e não exige nenhum tipo de "atenção especial"?
Não, acho que não. Estamos todos ansiosos por jogar com adeptos e nós tivemos o privilégio de ter os adeptos presentes, mesmo sendo da equipa adversária. Não é preciso preparação, porque é isto que nós queremos e foi assim que nós todos aprendemos a jogar, desde crianças até hoje.

Ansioso por ver as bancadas da Mata Real cheias?
Muito ansioso! Vai ser muito bom, até porque me lembro de vir cá jogar na época passada e das bancadas estarem muito bem compostas. Quero muito jogar com adeptos, adoro jogar com adeptos, e acho que eles são mesmo o 12º jogador de cada equipa – principalmente no nosso caso.

Costumas estar atento às redes sociais e ter contacto com eles? Tendo em conta que não podem vir ao estádio, essa é uma forma de estarem mais próximos.
Sim. Recebo muitas mensagens de adeptos do Paços a incentivarem-me – muitos deles orgulhosos. É sempre bom sentir que estamos a fazer o trabalho corretamente. Mesmo não estando presentes – porque não podem – vou seguindo-os pelas redes sociais regularmente e sinto o carinho deles.

E como é que tem sido esta passagem pelo Paços?
Muito boa! Não tenho uma queixa. Acho que no início foi um bocado difícil, pela adaptação – o que é normal, porque quando um jogador novo chega a um clube é sempre assim –, mas depois o grupo foi cinco estrelas. A estrutura é excelente, preocupa-se, não deixa que falte nada aos atletas, e eu sinto que aqui tenho uma família. Já tive colegas meus que jogaram cá, como é o caso do Minhoca ou do Paulo Henrique, e, antes de vir, falei com eles e disseram-me que aqui ia encontrar uma família. E estou a comprovar isso.

Além desse início, como mencionaste, o que é que foi ou

joma

"VAMOS DEIXÁ-LOS (ADEPTOS) ORGULHOSOS"

tem sido mais desafiante?
Conseguirmos ganhar a cada jogo. Nós entramos em todos os jogos para ganhar, e isso é de equipa grande. Seja contra quem for. Acho que isso é muito bom, é meio caminho andado para o sucesso, porque quando entramos a arriscar, a querer ganhar, estamos mais perto de o conseguir efetivamente. E a força que damos a cada um move-nos. Somos todos muito unidos, e onde vai um vão todos, seja para o bom ou para o mau. Estamos sempre juntos e isso já diz tudo.

Independentemente dos minutos em campo, o que é certo é que vais deixando a tua marca e conseguindo ajudar a equipa com golos, como se tem visto. Se te tivesses de definir enquanto jogador, qual seria a principal característica?
Entrega e determinação. Mais determinação.

É algo que foste trabalhando ou foste sempre assim?
Sempre fui determinado, mas ao longo dos últimos anos cresci muito mais, porque sei aquilo que quero e para onde quero ir – neste caso, ajudar a equipa. Então defino-me assim, com determinação. Tento ajudar e tento ajudar-me a mim. Dou a vida.

Estreaste-te como sénior bastante jovem, com 16 anos. Qual é a sensação de começar a trilhar o caminho no futebol profissional?
Foi difícil. Mas foi mais difícil extrafutebol, porque, por exemplo, um amigo fazia anos e não podia ir ao aniversário, pois tinha jogo ou treino no dia a seguir... Mesmo na escola – eu saí da escola cedo, apesar de ir mantendo mais ou menos os estudos e terminar – afastei-me um bocado dos meus amigos. Mas, no fundo, eu estou a seguir o meu sonho e o sonho que muitos rapazes têm desde crianças. E penso muito nisso, porque muitos gostavam de estar na minha situação naquela altura e agora. Dou valor. Faço por mim, pela minha família e pelas crianças que gostavam de estar naquele lugar. Sou privilegiado por ter tido as oportunidades que tive e tento agarrar sempre ao máximo cada uma que me dão.

Achas que essa é uma das principais dificuldades dos atletas mais jovens? Isto é: de um lado o querer seguir o sonho, do outro saber que é preciso abrir mão de algumas coisas com

SOLVERDE.PT

os amigos.
É verdade, mas há mais. Muitas vezes vamos para longe, onde estamos sem as nossas famílias, e passamos dificuldades – ou por não estarmos a jogar, ou se calhar até estamos a jogar, mas as coisas não estão a correr tão bem. E eu acho que a nível psicológico, não tendo o apoio da família fisicamente, é complicado. Temos de ser muito fortes mentalmente, porque quando estamos sozinhos nesses momentos passa-nos de tudo pela cabeça. É aí que temos de ser fortes, saber aquilo que queremos e continuar.

Nas horas mais complicadas, quem foi sempre o teu apoio?
A minha mãe e o meu pai. Mas mais a minha mãe.

Apoiaram-te neste sonho desde o início?
Desde pequenino. O meu pai foi jogador, mas desde criança que não me lembro de dizer que queria outra profissão a não ser jogador de futebol. Comecei a jogar aos cinco anos. Cheguei a fugir de casa para ir jogar futebol, quando tínhamos a soneca da tarde. [Risos] A minha mãe adormecia e eu pisgava-me.

E chegavas a casa antes de ela acordar ou eras descoberto?
Não chegava. Houve uma vez em que ela acordou assustada, não me encontrou... Mas também o ringue era ali perto, não foi difícil ela encontrar-me. [Risos] Já sabia que, se eu não estivesse em casa, o mais certo era estar lá.

E foi do teu pai que veio esse entusiasmo pelo futebol?
Acho que já nasceu comigo. Ele queria muito que eu fosse jogador, não é mentira, mas a minha mãe também jogou, quando era mais miúda. Desde bebé que estou habituado a ir aos estádios, a ter bolas sempre em casa; o meu irmão também jogava na altura. Então foi com naturalidade. Apesar de eu dizer que queria, nunca me impediram de decidir seja o que fosse. Deram-me toda a abertura, e eu pratiquei outros desportos quando era mais jovem – basquetebol, vólei –, só que o futebol estava sempre em primeiro lugar.

Recordas algum conselho especial que te tenham dado?
Recordo sempre: que eu posso ser tudo na vida, mas o importante é ser um homem com H grande. Para se ser um bom profissional, nunca podemos descurar a parte pessoal.

Foi nos Açores que fizeste praticamente toda a tua formação. Como é que foi essa fase?
Essa fase foi muito boa. Estava num sítio onde não há "maldade", onde tudo é bom, as pessoas são boas, acolhem-nos sempre bem. Claro que tudo na vida tem o bom e o mau, mas acho que sou um privilegiado. A minha infância foi boa – não sei dizer um momento mais importante

ou mais especial, mas falo como um todo. Sinto-me um privilegiado, se calhar por ter nascido nos Açores. É diferente a vida na ilha, é boa. Vejo-me agora, também pela minha carreira, a fazer vida cá no Continente, mas levo sempre os Açores comigo, e sempre que posso voltar, volto. É sempre bom regressar a casa.

Depois de passagens pela Segunda Liga e Campeonato de Portugal, num ano tu chegas a jogar as eliminatórias da Liga Europa (onde até marcaste) e a fazer a estreia no principal escalão, pelo Vitória. Muitos bons momentos num só ano.
Muitos bons momentos. Foi o ano em que cumpri mais sonhos, porque desde criança que sonhava jogar competições europeias, jogar a Primeira Liga, estar entre os melhores. A oportunidade foi-me dada, eu agarrei-a e demonstrei o valor que tinha, e foi muito especial. Guardo - e vou guardar sempre - esses momentos na minha memória e no meu coração.

E houve depois uma fase na qual estiveste mais ao serviço do Vitória B, no Campeonato de Portugal.
Quando fui contratado pelo Vitória, fui contratado para a equipa B. Depois, tive o privilégio de ser chamado pelo mister Ivo para fazer a pré-época. Estive muito bem e ele viu que podia contar comigo, só que a certa altura disse-me abertamente que eu não ia ter tanto espaço e que era melhor ir ganhar minutos para a equipa B. Quando vou para a equipa B, continuo o meu trabalho com o objetivo de voltar. Tentei ajudar a equipa, ganhando jogos, marcando golos, para poder regressar à equipa principal. E depois voltei, mas, quando eu não jogava ou não entrava, pedia para ir jogar à equipa B, porque precisava de jogar, queria ajudar e queria ajudar-me a mim. E acho que isso foi benéfico para que me pudesse afirmar na equipa principal do Vitória.

A verdade é que depois voltaste a ser chamado à equipa principal. E no jogo em que voltaste, entraste e marcaste... Mais uma vez. A isto se chama não deixar escapar oportunidades.
É verdade. [Risos] Foi um momento muito especial, principalmente porque o jogo estava a ser muito difícil. Entrei, senti que a equipa precisava de mim, tive uma oportunidade para fazer golo e aproveitei. Lembro-me de as lágrimas caírem e estava na lua. Aí estava na lua. Tudo o que foi feito valeu a pena e vai valer sempre a pena por momentos como aquele. Os sacrifícios que fiz, o estar longe da família, dos amigos, vale a pena e vai valer sempre a pena, porque é o sonho de criança e é por isso que vou lutar.

A pior parte de teres deixado a ilha foi deixar a família?
Foi, apesar de também ter família em várias regiões de Portugal Continental. Mas deixar a minha mãe – porque na altura estava sozinha, o meu pai estava a emigrar – foi muito difícil. A minha relação com a minha mãe é muito boa, sou muito ligado a ela. Temos uma relação super aberta, ela sabe tudo da minha vida, e posso falar com ela sobre tudo. Foi muito difícil, porque, no fundo, deixei-a lá sozinha e sabia que lhe custava. Custa-lhe muito mais a ela do que a mim. Recordo-me quando terminou o jogo este fim de semana: eu fui ter com ela e ela só me pediu um abraço. E só aí já caiu tudo. É mãe...

Uma mensagem para os adeptos.
Espero que o resto da temporada seja de muitas vitórias e muitas conquistas e que eles continuem a acreditar em nós. Vamos deixá-los orgulhosos.

Norte Car
automóveis

BRUNO COSTA DISTINGUIDO PELO SINDICATO DOS JOGADORES

Depois de conquistar o prémio relativo ao mês de novembro, a história repetiu-se em janeiro. Bruno Costa foi eleito pelo Sindicato dos Jogadores o Melhor Jovem de janeiro da Primeira Liga.

O médio do FC Paços de Ferreira que marcou três golos nas quatro jornadas realizadas no primeiro mês de 2021, reuniu 26,88% dos votos. A completar o pódio estiveram os colegas Fernando Fonseca (11,23%) e Hélder Ferreira (10,23%).

Após receber o prémio, Bruno Costa deixou uma palavra ao grupo de trabalho: "Este prémio é uma consequência do trabalho que a equipa está a fazer. Sem os meus colegas não seria possível recebê-lo. "É continuar a ser aquilo que estamos a ser, a jogar um futebol feliz e a lutar em cada jogo pelos três pontos", acrescentou.

De acordo com o Sindicato dos Jogadores, "o Melhor Jovem do mês da Primeira Liga é encontrado através das notas atribuídas pelos três diários desportivos – A Bola, O Jogo e Record – no período correspondente à votação (60%), das escolhas de uma comissão nomeada pelo Sindicato, formada pelos ex-jogadores Anselmo Cardoso, João Oliveira Pinto, João Paulo, José Carlos, Rebelo e Tiago Pereira (20%) e da votação online realizada em www.sjogadores.pt (20%)". São elegíveis todos os jogadores de nacionalidade portuguesa que tenham nascido a partir de 1 de janeiro de 1997.

MARCO BAIXINHO E LUIZ CARLOS HOMENAGEADOS

Antes do início do último jogo em casa, frente ao Vitória SC, os capitães Marco Baixinho e Luiz Carlos foram homenageados pelos 100 jogos realizados ao serviço do FC Paços de Ferreira, na Primeira Liga. Ambos os atletas receberam das mãos do Presidente Dr. Paulo Meneses uma camisola com o número 100 nas costas.

Recorde-se que Marco Baixinho e Luiz Carlos atingiram este registo no mês de fevereiro. Baixinho completou o 100º jogo frente ao Sporting CP e Luiz Carlos diante do CD Tondela.

FIXPAÇOS
fixing solutions

PENSA RÁPIDO COM MATCHOI

Nesta edição da FCPF Magazine, o nosso Pensa Rápido testou a prontidão das respostas de um dos produtos da formação do FC Paços de Ferreira. Falamos do jovem médio Matchoi, que nos revelou a sua série e música do momento, bem como quem seria a pessoa que ele mais gostaria de conhecer. Terás algum gosto em comum?

7. Se pudesses ser um desenho animado, qual serias?
Um desenho animado? Gostava muito do Tom & Jerry, vou escolher o Jerry. Porque é irrequieto, identifico-me com algumas coisas que faz.

16. Quais são as séries que estás a ver de momento?
Por enquanto a única que estou a acompanhar é Lupin.

1. Se tivesses a oportunidade de conhecer qualquer pessoa, quem escolherias?
Escolheria o Cristiano Ronaldo, porque é uma inspiração.

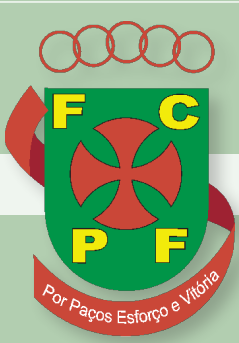
5. Qual o recorde do mundo que gostavas de ter?
Não é que seja bem um recorde, mas gostava de ganhar a Bola de Ouro.

9. Se não fosses jogador de futebol, qual seria a tua profissão?
Não sei... Mas seria algo ligado ao Desporto. Quero estar sempre ligado ao futebol.

20. Qual é a música que tens ouvido mais vezes nos últimos dias?
O que eu mais ouço são músicas brasileiras. A que mais tenho ouvido agora é do MC Lipi, chama-se "A Vitória Chegou".

12. Preferias pôr picante em todas as sobremesas ou açúcar em todos os pratos principais?
Preferia açúcar em todos os pratos principais. É que picante... Eu gosto muito de sobremesas e com isso não ia conseguir comer.

BRITO
FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972



CD NACIONAL

Fundação: 8 de dezembro de 1910
Presidente: Rui Alves
Treinador: Luis Freire
Estádio: Estádio da Madeira
Lotação: 5200

As últimas temporadas:

2017/2018
2.ª Liga– 1º lugar, 71 pontos

2018/2019
Liga NOS – 17ºlugar, 28 pontos

2019/2020
2.ª Liga– 1º lugar, 50 pontos

Camisola principal:

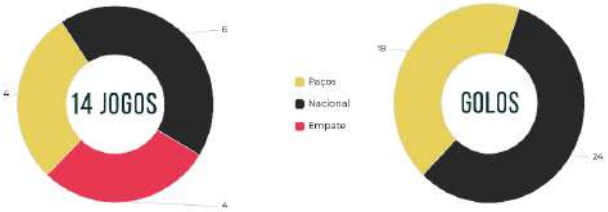
Depois de uma deslocação que ficou aquém do esperado, o FC Paços de Ferreira sobe esta tarde ao relvado com o objetivo claro de voltar a vencer. O CD Nacional é o adversário desta 22ª jornada.

Aqueles que viriam a ser os fundadores do agora conhecido como Clube Desportivo Nacional, tiveram o seu primeiro contacto com o futebol em 1908, altura em que apenas a comunidade inglesa residente na região praticava a modalidade. No ano seguinte, era já grande o interesse da comunidade local, e um conjunto de rapazes resolveu juntar-se e formar um grupo para a prática do futebol. Foi, então, a 8 de dezembro de 1910 que tudo se oficializou. Após um jogo, António Figueira apresentou a ideia da criação do Nacional Sport Grupo – que, seis anos mais tarde, se tornou Grupo Desportivo Nacional, e, em 1922, Clube Desportivo Nacional. A época de estreia do clube madeirense na Primeira Liga foi a de 1988/1989, conseguindo classificar-se na 10ª posição e garantido a manutenção.

FC Paços de Ferreira e CD Nacional vão encontrar-se esta tarde pela 43ª vez, mas só 29 jogos foram a contar para o principal escalão do futebol português. Das 14 partidas que foram realizadas no Estádio Capital do Móvel, temos quatro vitórias para os Castores, seis para os madeirenses e quatro empates. O último jogo na Mata Real para a Liga NOS foi a 21 de outubro de 2016, para a jornada 8 de 2016/2017, e terminou com um empate a uma bola – Tiago Rodrigues marcou para o Nacional aos 19 minutos, e Ricardo Valente estabeleceu o empate aos 67'.

Do plantel do CD Nacional, dois atletas já representaram o FC Paços de Ferreira: o defesa Rui Correia (2017/2018 e 2018/2019) e

HISTÓRICO FCPF - CDN NA MATA REAL (LIGA NOS)



VOLTAR AO CAMINHO DAS VITÓRIAS

A última jornada esteve longe de correr como a equipa desejava. Na deslocação aos Açores para defrontar o CD Santa Clara, o FC Paços de Ferreira acabou por sofrer uma derrota por três bolas a zero – um resultado pesado, que o grupo bem procurou minimizar até ao fim do encontro, mas que em nada belisca a excelente campanha que tem vindo a ser realizada nesta temporada. Segue-se um novo adversário, o CD Nacional, e, como não podia deixar de ser, o foco está no regresso às vitórias e na ultrapassagem da meta dos 40 pontos.

De regresso à Liga NOS esta época (depois de ter disputado a Segunda Liga em 2019/2020), o CD Nacional ocupa a 12ª posição, na entrada para a 22ª jornada. Tem 21 pontos somados, após cinco vitórias, seis empates e dez derrotas, 20 golos marcados e 28 golos sofridos. Fora do Estádio da Madeira, os alvinegros só venceram duas das dez partidas concluídas até então (SC Farense e Boavista FC, ambas por 0-1), empataram três (CS Marítimo, SL Benfica e Rio Ave FC) e perderam cinco (SC Braga, Portimonense SC, FC Porto, Vitória SC e Belenenses SAD).

O CD Nacional atravessa uma série de três jogos consecutivos sem conseguir pontuar. Após as derrotas com o SC Farense (2-3) e o Belenenses SAD (2-1), a equipa insular perdeu na receção ao SC Braga por 1-2. Fransérgio foi quem abriu o marcador aos 25 minutos, a favor dos bracarenses, tendo Abel Ruiz dilatado a vantagem quatro minutos depois. A resposta do Nacional deu frutos à passagem do minuto 69', através do avançado colombiano Brayan Riascos, mas não foi suficiente para a conquista de pontos.

Do plantel orientado pelo técnico Luís Freire, o destaque vai mesmo para o goleador da equipa Brayan Riascos, que, na presente temporada, já soma dez golos (cinco na Liga NOS e cinco na Taça de Portugal). Na lista dos marcadores, seguem-se os avançados Kenji Gorré e Bryan Róchez, ambos com quatro golos (curiosamente, os dois têm três golos no campeonato e um na Prova Rainha).

aldro
energia e soluções

aldro
energia e soluções

No dia 8 de março fica completo um ano sem a presença dos nossos adeptos no Estádio Capital do Móvel. Entramos em contacto com alguns sócios do clube para saber como tem sido acompanhar a equipa à distância e recordamos alguns momentos.

Estamos prestes a completar um ano desde o último jogo do FC Paços de Ferreira com adeptos. Como é que tem sido acompanhar a equipa à distância?
Paulo Sousa (Sócio 625): Tem sido um bocado sofrido, porque quem gosta do Paços gosta de estar presente e ver o jogo ao vivo. Mas tem sido uma alegria acompanhar a equipa pela televisão, pois têm estado muito bem. Esperemos que num futuro próximo possamos estar novamente presentes a apoiar a equipa.
Manuel Pedrosa (Sócio 4006): Tem sido positivo ver o desenrolar desta época, mesmo através da televisão. Mediante o seu orçamento e o orçamento das restantes equipas e tendo em conta o momento atual do clube, penso que não podia estar a correr melhor. O Paços de Ferreira está num bom caminho.
Carla Pereira (Sócia 2176): Tem sido muito difícil, principalmente porque me mudei recentemente para uma casa mesmo em frente ao estádio! É complicado estar tão perto e não puder apoiar a equipa como ela merece.

Qual é a melhor memória que tem na Mata Real?
Paulo Sousa (Sócio 625): Foram tantas! Mas, principalmente, quando nós subimos e ocorreu a tradicional invasão de campo. Também nos momentos menos bons, quando o clube estava a lutar pela manutenção e conseguimos assegurá-la com uma vitória em casa contra o Aves. E, claro, o fantástico terceiro lugar conquistado há uns anos.
Carla Pereira (Sócia 2176): Quando fomos campeões da Segunda Liga, em 2018/2019. Mas desde sempre fui guardando muitas boas memórias. Gostava muito de assistir aos jogos e só consigo reter experiências positivas.

Do que é que tem mais saudades, relativamente aos dias de jogo?
Paulo Sousa (Sócio 625): De tudo! Da envolvência, do ambiente criado em torno do futebol, da conversa sobre o futebol. Encontrávamos amigos nos dias de jogo e criava-se um ambiente incrível para que pudéssemos desfrutar do jogo juntos. Também sinto saudades da confraternização com os adeptos do clube visitante, que proporcionavam conversas bastante amigáveis.
Manuel Pedrosa (Sócio 4006): Tenho saudades de assistir os jogos no estádio, de apoiar a equipa mais de perto.
Carla Pereira (Sócia 2176): Tenho saudades do bom ambiente no estádio, de falar com as pessoas, da azáfama na cidade nesses dias e da convivência com os outros adeptos.

MCOUTINHO

JUNTOS PELA LEONOR E PELO JAIME

O FC Paços de Ferreira juntou-se à onda de solidariedade que tem movido o país para ajudar Leonor e Jaime – dois irmãos que combatem o mesmo tipo de tumor maligno (Neuroblastoma). A esperança está num tratamento disponível nos Estados Unidos da América e que tem um custo de cerca de um milhão de euros.

Leonor e Jaime são irmãos. Ela tem cinco anos, ele oito, e os dois enfrentam uma luta que não deixa ninguém indiferente. A ambos foi diagnosticado um Neuroblastoma – um tumor maligno que se desenvolve a partir das células nervosas do tecido da glândula suprarrenal.

Os pais da Leonor e do Jaime tiveram conhecimento de que a cura para este tipo de tumor existe num hospital de Filadélfia, nos Estados Unidos da América, e, desde então, têm feito todos os esforços para conseguirem angariar os fundos necessários para puderem levar os filhos a iniciarem os tratamentos.

O FC Paços de Ferreira juntou-se aos pais, familiares, amigos e desconhecidos nesta campanha de angariação de fundos, oferecendo uma camisola e uma bola oficiais e autografadas por todo o plantel do futebol profissional. Os dois artigos serão leiloados, e o valor conseguido reverterá na totalidade para os tratamentos da Leonor e do Jaime.

A todos aqueles que também quiserem ajudar, podem deixar o vosso donativo na seguinte conta:
IBAN: PT50 0035 0829 00013809 630 14
SWIFT: CGDIPTPL

É ainda possível contribuir através do MBWAY para um dos seguintes contactos:
930647884 | 930647885 | 930647886 | 919922075 | 9111440058 | 934397508
Tempo Solidário: 937458548 (escrever na descrição: "Força Leonor e Jaime")

Para mais informações, a página "Juntos pela Leonor e Jaime" está disponível no Facebook.
Juntos vamos conseguir fazer a diferença!

IRMARFER

PAÇOS NA HISTÓRIA COM... CARLOS ALVES

Formação, profissional, veteranos. É longa e cheia de histórias a passagem de Carlos Alves pelo FC Paços de Ferreira – o Malícia, nome pelo qual era também conhecido. Nesta segunda edição da nova rubrica 'Paços na História', falamos de uma ligação que começou na década de 60 e que se prolonga até aos dias de hoje.

Uma história com muitos anos, uma ligação para a vida toda. Carlos Alves chegou ao FC Paços de Ferreira com 14 anos, começando a jogar na formação. O caminho de Frazão, da casa dos seus pais, até ao Campo da Cavada foi feito muitas vezes a pé, para marcar presença em todos os treinos da equipa. "Foram feitos sacrifícios logo desde o início, mas valeu muito a pena. O clube está enraizado em mim", conta. Alinhou pelos Juniores, conquistou a Taça José Bacelar, e, para se ter uma ideia, na sua primeira época "na base" fez logo 54 golos!

Ora essa história foi sendo escrita e as suas páginas – enquanto atleta – levam-nos até à época de 80/81, quando saiu do clube, levando consigo uma mala cheia de boas memórias: "Fui campeão da III Divisão Nacional, na final de Leiria. Antes, tinha sido campeão da I Divisão Regional. Estive na equipa que foi aos quartos de final da Taça de Portugal, na que esteve a um ponto de subir à I Divisão...". Carlos Alves era avançado, mas chegou a fazer todo o tipo de posições em campo, como afirma enquanto relembra a tão importante final de Leiria: "Eu e o treinador dessa altura, o Daniel Barreto, éramos muito amigos um do outro, mas a nossa amizade era fora de campo. Dentro de campo, ele tinha uma ideia e eu às vezes tinha outra. Muitas vezes pôs-me a jogar em posições totalmente distintas da minha. Lá insistia que eu tanto jogava a avançado, como a lateral, como a defesa central... Mas foi um prazer ter jogado na final da III Divisão Nacional. Foram coisas inesquecíveis com pessoas inesquecíveis, e até aos dias de hoje mantenho contacto com alguns colegas".

Com tantos anos no ativo, jogos e momentos memoráveis não faltam, além deste. "Tenho uma história de quando fomos campeões nacionais: fizemos um jogo contra o FC Porto e eles tinham contratado um avançado brasileiro que veio jogar contra nós, então o Daniel Barreto disse 'Hoje vais jogar a defesa central. O Porto tem um ponta de lança e tal...'. Assim foi". E, conta, o que é facto é que o avançado recém-chegado não tocou na bola. "Ele virava-se para mim e dizia 'Rapaz, deixa-me jogar'. E eu respondia:

OLIVEIRA
serralharia
Industria de transformação de metais

'Joga. Só há uma bola'". Recorda, entre sorrisos. Mas é um jogo e um golo em Paços de Brandão que merece uma nota de destaque. "Estava a jogar e ao intervalo o Daniel Barreto diz-me que eu ia sair para entrar o Mascarenhas. Tudo certo. Desequipei-me, já estava no chuveiro e ouço o Mascarenhas para o mister 'Vais tirar o Carlos? Não, não. Ele joga para caraças'. E o mister volta a mandar-me equipar. Começa a segunda parte, há alguém que cruza a bola para a entrada da área, e eu, com o pé que tinha mais à mão – o meu pé esquerdo era só para me apoiar ou subir o autocarro – dou um cacete na bola e ela entra. Ganhamos 1-0. Esse golo ficou na memória".

Depois do FC Paços de Ferreira, Carlos Alves representou outros clubes, como a AR São Martinho e o Atlético de Valdevez. Mas, no fim, foi a casa que regressou, sendo mesmo um dos responsáveis pela criação da equipa de Veteranos – na qual só jogava quem fosse sócio do clube. Afinal, ver o seu clube crescer era das suas grandes ambições. "Os jogadores dos Veteranos não precisavam de ter jogado no Paços, mas exigíamos que fossem sócios. Lembro-me que na altura houve alguém que pôs o Jorginho a jogar, mas ele não era sócio... Um dia eu comentei com ele 'Então, já pagaste as quotas?' e ele 'Eu não sou sócio', ao que eu respondo 'Não és sócio, então não podes jogar'. E houve outros. Alguns ficavam todos chateados comigo, mas, pronto, eram as nossas exigências para tornar o clube maior. Não era para os Veteranos serem grandes, era para o clube ser ainda maior! E assim criava-se uma ligação maior, que ninguém tenha dúvidas".

E como "quando defendemos uma coisa, temos de querer para toda a gente igual", foi esta a linha de pensamento de Carlos Alves, na hora em que o filho deu os primeiros passos na formação. "Com onze anos, o meu filho pediu-me se podia treinar no Paços. Eu disse que sim, se as notas na escola fossem boas. Ora, como as notas foram boas, levei-o, e quando lá chegou levou uma fotografia, o Bilhete de Identidade, e entrou para sócio. Ainda hoje é!", conta. "Mesmo quando eu jogava e via os miúdos da formação a jogar, dizia aos pais que se eu fosse diretor, uma das coisas que exigiria era que todos os miúdos que estivessem na formação fossem sócios. O miúdo 'arrastaria' o pai, conseguiria 'arrastar' o tio, e o clube ia crescendo".

RE/MAX®

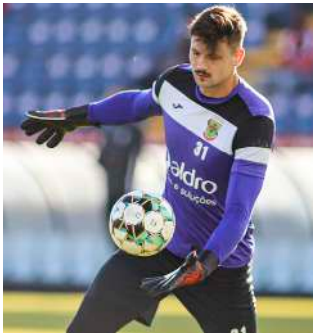
Foi também Carlos Alves um dos responsáveis pelo começo do Convívio do 25 de abril, que todos os anos homenageia diretores, treinadores e atletas que foram passando pelo emblema pacense: "É uma alegria grande ver os amigos e reviver a mística do clube". Há, contudo, um desejo que não chegou a concretizar: ter sido treinador da formação. "Como adepto do FC Paços de Ferreira, tenho pena que não tenha acontecido. É um clube que adoro e eu sinto que podia ter dado muito".

Depois de terminada a carreira como atleta, Carlos Alves tirou o curso de treinador, e aos 69 anos de vida a paixão pelo futebol é coisa que perdura. "Vivo o futebol todos os dias e não sou uma pessoa clubista. O futebol é a coisa mais maravilhosa do mundo e nele não há lugar para insultos. Gosto é de ver gente que jogue bem futebol", revela. E, tal como na opinião de muitos amantes deste desporto, quem joga bem futebol é a atual equipa profissional: "São uns rapazes maravilhosos. A equipa do Paços de Ferreira é das melhores a praticar futebol. Às vezes as coisas podem não sair tão bem, porque, por vezes, também é preciso um pouco de sorte, mas a verdade é que o Pepa tem feito um trabalho espetacular".

A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME

Carlos Alves ficou também conhecido por Malícia – nome pelo qual era tratado o seu irmão, que por vezes o acompanhava aos treinos – tendo adotado mais tarde o nome Alves que vinha do seu pai, Augusto Alves. Uma homenagem ao homem que acabou por nunca o ver jogar. "Um dia, no meu aniversário, disse-me 'Rapaz, a maior pena que tenho foi nunca te ver jogar. Eu chegava ao estádio, mas acabava sempre por vir embora'". Pode parecer estranho, mas havia um motivo. "Ele não se sentia bem... Era como eu agora sou. Não gosto de ver ninguém a chamar nomes aos jogadores ou aos árbitros, e, infelizmente, vemos muito isso. Então, como ele não ia gostar de ouvir algum palavrão dirigido ao filho, não entrava".

Caldas de Penacova
Água Mineral Natural



DEVESA'
COMBUSTÍVEIS

PaçoPrint

A sua marca gráfica